

# **M**anchete

um relatório americano explica

**POR QUE O  
BRASIL  
JÁ É A  
3ª POTÊNCIA  
MUNDIAL**

Cr\$ 80,00 • N.º 1.472 • RIO DE JANEIRO, 5 DE JULHO DE 1980

**CLAUDIA  
CARDINALE  
MÃE AOS  
40 ANOS**

uma publicação  
**bloch**

exclusivo

**CHICO BUARQUE  
e NARA LEÃO  
um diálogo  
depois da  
Censura**

**ESPETACULAR  
em cores**

**VATICANO**

grátis

**UM POSTER  
GIGANTE DO**

**PAPA**

**TODA A  
GRANDEZA  
DA FE**

# Quinze anos NARA

# depois de A Banda

# canta CHICO outra vez

um diálogo exclusivo

Coordenação de João Resende ● Fotos de Frederico Mendes

Eles não se lembram bem de como se conheceram. Sabe-se, no entanto, que Chico Buarque de Holanda foi lançado, nacionalmente, em 1966, com a gravação de Nara Leão para *A Banda*. Agora, quase 15 anos depois, numa homenagem ao amigo, Nara lança um LP intitulado *Com Açúcar, com Afeto*, música que Chico compôs para ela, e que ironicamente não se inclui nessa gravação. Em compensação, estão presentes músicas inéditas como *Vence na Vida Quem Diz Sim*, do musical *Calabar* — parceria de Chico com Ruy Guerra — e composições como *Baioque* e *Dueto* (do musical *O Rei de*

*Ramos*): Chico canta com Nara, na primeira, e faz um acompanhamento com o batoque de chinelos, na segunda. Há, ainda, gravações de músicas já consagradas, como *Rita*, *Trocando em Miúdos* e *Olhos nos Olhos*, às quais Nara quis imprimir um toque muito pessoal.

MANCHETE reuniu os dois para uma conversa sobre o disco, a amizade desses anos todos, a música brasileira e outros assuntos. Participaram da entrevista os jornalistas João Resende, Frederico Mendes, Ana Lúcia Novaes e a universitária Maria R. Oliveira.

**NARA** — Eu acabei de fazer uma viagem pelo Brasil, para divulgar o disco, e todo mundo me pergunta como conheci o Chico. Digo sempre: foi num *show*, talvez em Araraquara. Acho que inventei isso porque não me lembro bem como foi. Ouvi você cantar *Olê, Olá*, num *show* de que eu participava também, e fui conversar com você.

**Chico** — Acho que não foi no *show*, não, aí a gente já se conhecia. Engraçado, também não me lembro direito.

**Nara** — Você ficou muito marcado, para mim. Lembro da sua cara e do *Olê, Olá*, uma coisa muito original para a época e para agora também. Três partes iguais de melodia, com três letras diferentes, um texto gigantesco, que todo mundo dizia: "Como decorar essa letra?" Fiquei impressionadíssima!

**Chico** — Meu primeiro compacto como cantor foi *Pedro Pedreiro* e *Sonho de Carnaval*. O segundo disco, antes de *A Banda*, foi *Olê, Olá* e *Meu Refrão*. Naquele tempo, compacto tinha capa. *Sonho de Carnaval* foi finalista no festival da Excelsior, mas acabou não obtendo classificação nenhuma: quinto lugar.

MANCHETE — Quem interpretava?

**Chico** — Vandré. Foi o festival de Arrastão, 1965. O Roberto Freire era do júri e me chamou para fazer a música de *Morte e Vida Severina*. Ele era amigo da minha irmã Miúcha, e perguntou se eu não queria fazer um trabalho, um negócio do João Cabral de Melo Neto.

**Nara** — Tenho a impressão, que cada coisa dessas, na época, era um acontecimento.

**Chico** — Talvez por causa da televisão. Música popular na televisão era que nem novela, hoje. O pessoal ia lá e torcia. Muitas vezes apresentei na TV música nova lendo a letra, saindo do forno. E todo mundo via, quer dizer, principalmente em São Paulo — ainda não havia a Embratel. Aqui no Rio passava uma semana depois. Os festivais não eram um fenô-

meno à parte, havia uma continuidade, era como se fosse a final de um campeonato que corria o ano inteiro. Hoje, há esses festivais em que o sujeito pode ser o primeiro colocado e depois não desenvolve o seu trabalho na televisão.

**Nara** — E tinha muito calor, uma platéia realmente popular. Dava até briga na rua.

**Chico** — Agora é um negócio artificial. — E o negócio de você ser a musa da bossa nova, Nara?

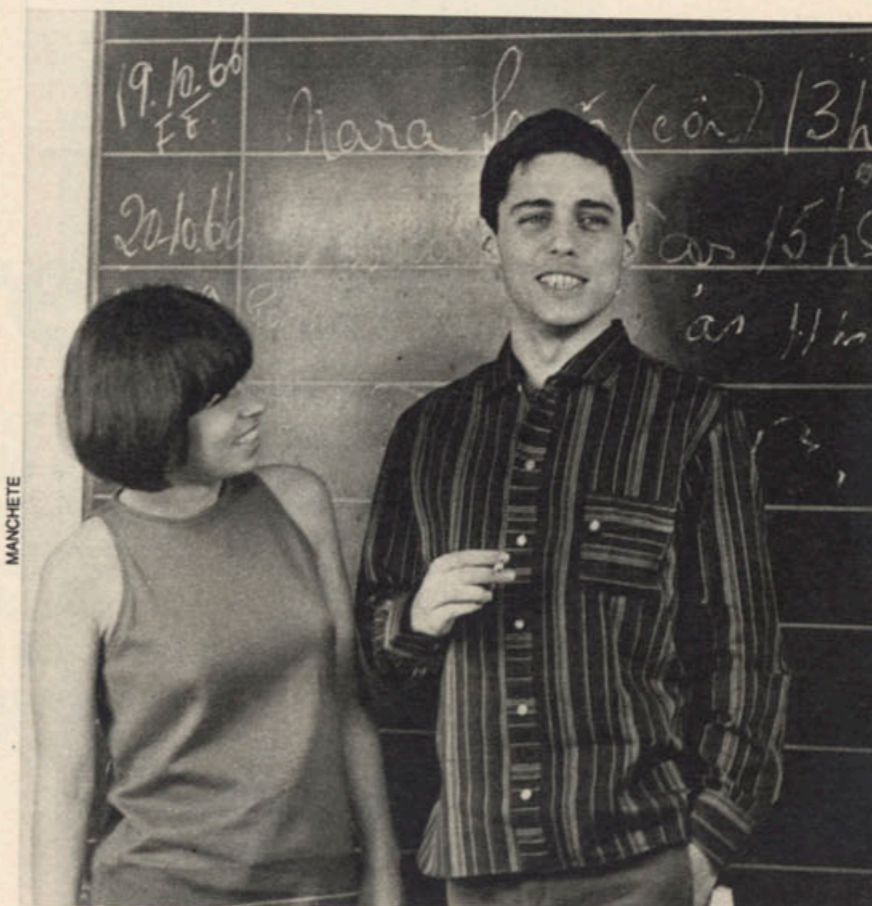
**Nara** — Não acho que seja musa, não. É engraçado como a gente pega um apelido e leva pela vida. Mas não conheço nenhuma música

inspirada em mim, infelizmente. *Com Açúcar, com Afeto*, que dá título a este meu LP, foi encomenda minha ao Chico, o que é completamente diferente. Eu era uma espécie de mascote da turma, por ser bem mais jovem. Éramos como irmãos, eu não podia nem namorar porque tinha aquele bando ali me protegendo. Eu tocava violão muito bem, coisa que há 20 anos nenhuma moça fazia: ainda era feio...

— Mas era uma confraria meio alienada, politicamente, não?

**Nara** — Era. Ninguém estava preocupado com os problemas do país, nem com a realidade social.

SEGUE



“MPB na televisão era que nem novela, hoje” (Chico)

Eles não se lembram muito bem do local onde se encontraram pela primeira vez: talvez um show em Araraquara, quem sabe um festival na extinta TV Excelsior. Mas quanto à data não há dúvida: em 1966 Nara gravou *A Banda*, de Chico Buarque.

## “Detesto qualquer tipo de mitificação. Não sou líder de nada e entendo muito pouco de política” (Chico)

**S**E cada região tivesse a sua própria fábrica de discos e houvesse um estímulo para que se gravasse, se não houvesse um imperialismo do Rio e de São Paulo em relação aos outros estados, você até veria essas revoluções. Mas Rio e São Paulo estão talvez esgotados. Houve a bossa-nova, o morro, mas só sai praticamente o que é do Rio; o Rio, nesse sentido, é ainda mais opressor em relação aos outros estados do que São Paulo. E a música brasileira por aí vai muito bem — há muitos compositores, além da música mais tradicional, que também a gente não conhece. Resumindo: acho que teria que se partir mais pras coisas regionais: regional-tradicional, como por exemplo faz o Luís Gonzaga, e regional-diferentão, como faz o Dominginhos...

**Chico** — A música brasileira é muito rica porque incorporou a dissonância européia, e os ritmos afros estão todos aí. E misturou isso tudo. Qualquer estrangeiro reconhece isso, sabe que a música brasileira é riquíssima, e vem aqui apanhar as coisas, pra fabricar lá no pandeiro de acrílico. As fontes estão todas aqui, como na África, em Cuba, no Caribe todo, muito mais do que na Argentina, no Chile, onde há menos miscigenação, menos sangue negro. E nos Estados Unidos há o negro, o jazz, enfim.

— *Comparando com a música chamada erudita, a música popular chega no máximo a Ravel — a não ser um cara assim como o Egberto, mas aí já é uma coisa excepcional, que não emplacea muito...*

**Chico** — Não se pode tratar assim a música brasileira; música popular brasileira é música e letra. Se você tomar separadamente, é claro que não vai se comparar com o instrumental do Stravinsky, porque não comportaria uma letra, e não é música popular, não será nunca. E a letra também, se quiser comparar com os poetas mais avançados, também não dá. Música popular é uma combinação das duas coisas. A parte literária é mais pobre que a literatura mais avançada, e a parte musical talvez seja mais pobre que Stravinsky. Agora, a combinação das duas na música popular brasileira é inédita. Já

quiseram lançar livro com letras, e disco com músicas minhas — lançaram um, agora, sem eu saber —; sou contra. Não vou competir com Stravinsky, musicalmente, nem literariamente com James Joyce. A música popular brasileira — isso é reconhecido por gente que entende — é riquíssima, pela combinação das duas formas. Existe um preconceito intelectual muito grande com relação à música popular. Há mais ou menos um mês eu conversava no aeroporto de Luanda com o ministro dos Esportes de Angola, Rui Mingas — ele foi se despedir da gente. Era um cantor e compositor, e eu o tinha conhecido em Portugal, antes de ele ter voltado para fazer a guerra lá no seu país. Desta vez, conversamos sobre a eventualidade de ele gravar um disco, e ele: “Não sei, tenho que falar com os companheiros, os camaradas, não sei o quê...”. Eu disse: bom, o Agostinho Neto tem livro publicado e pode ser poeta. Mas cantor e compositor não pode. Por quê? É um preconceito muito grande. Eu disse: Angola tem que ser pioneira nisso, tem que ser o primeiro país onde ministro grava disco. Um disco mesmo, pra valer, porque o Rui é um compositor e cantor da pesada, um vozeirão incrível! Depois, no papo, a gente entrou em coisas paralelas: de repente as rádios não tocam o disco e dizem: “O ministro vai cair”, ou as rádios estão tocando demais e dizem: “Tá vendo, isso é mordomia...” (risos)

— *E como é que vocês se relacionam com a fama; o público deixa vocês levarem uma vida normal?*

**Nara** — Qualquer excursão que você faça, não tem contato com ninguém, fica no hotel e faz o show. Não pode sair na rua, vão pedir autógrafos, não deixam você comer sossegado. Há uns três ou quatro anos — e olhe que eu não estava nem no tchan — meu carro foi roubado. Na delegacia, quase enlouqueci, porque tinha

um cara batendo a caixinha de fósforo no meu ouvido para mostrar uma música. Eu queria falar do meu carro, e ele insistia em mostrar a música. Mas, enquanto eu não era uma pessoa conhecida, deu para curtir as excursões que fiz pelo Brasil, em 64 e 65. Os estudantes me procuravam no hotel, e a gente saía. Conheci pessoas simpáticas, que me convidavam para comer uma feijoada num sítio, comidas típicas, quer dizer, era mais transável, mais agradável. Depois de *A Banda* não consegui mais conhecer ninguém nos lugares onde ia e ter um relacionamento normal. As pessoas ou estavam ávidas para que eu gravasse uma música delas, ou tinham um fascínio.

— *Mas você, Chico, sai normalmente na rua, não?*

**Chico** — Aqui no Rio, porque o carioca finge que não é provinciano. Já em São Paulo é bem mais difícil: as pessoas param. No Rio, elas não querem dar o braço a torcer. Não pedem autógrafa, e isso é cômodo, ótimo para o artista.

**Nara** — Também há um fenômeno engraçado quando não estou cantando nem dando entrevistas, durante uma viagem particular, acontece muito de as pessoas acharem que sou a cara da Nara Leão. Outro dia, no aeroporto. “Ô Nara Leão! Dá licença aí! Desculpe, hein, mas você é a cara dela...” É engraçadíssimo! As pessoas realmente não acreditam: “Você é a cara da Nara Leão. Não te dizem isso não?” “Dizem sim.” “Mas você não é ela, né...”

— *Mas, por outro lado, quanto mais o artista se protege desse tipo de coisa, mais aumenta a curiosidade, mais as pessoas ficam ávidas em querer ver e encontrar. No caso de Bethania, por exemplo, que é uma pessoa que não sai de casa, não badala, não vai a um supermercado, acho que isso aumenta a ansiedade das pessoas. E deve ser pior: você se recolhe, mas quando aparece é uma chateação só.*

**Chico** — Acho importante sair, tomar um chope num bar, ficar circulando um pouco.

— *Mas você não pode ir na esquina tomar um sorvete...*

**Chico** — Posso, claro!

**Nara** — As pessoas falam com você? “Ô Chico”, tal e coisa...

**Chico** — Pouco. Muitas vezes também acham que sou “parecido com o Chico”, outras fingem que não estão dando importância, às vezes falam. Mas não de uma maneira muito ávida.

— *Diz-se que, durante um certo período, Chico era procurado por estudantes em busca de orientação política. Houve isso realmente?*

**Chico** — Aconteceu. Nesse período em que as lideranças políticas, verdadeiras, estavam afastadas ou se encontravam na clandestinidade, no exílio, quem assumiu o papel? Pessoas que estavam falando, cantando, dizendo coisas. Mas é uma coisa deslocada, pra mim. Eu nunca quis assumir este tipo de papel. Detesto qualquer tipo de mitificação. Virar líder, não sei o quê. Não sou. Aliás, entendo muito pouco de política. Já falava de cara: “Não vem com esse troço que não entendo muito não.”

Na época dos festivais, com o layout dos anos 60. Nara já tocava violão 20 anos atrás, quando isso não era bem-visto como atividade feminina.



MANCHETE